



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 13 de Outubro de 1982

***O amor dos esposos encontra exemplo
na dimensão do amor de Cristo pela Igreja***

1. Na nossa consideração precedente procurámos aprofundar — à luz da Epístola aos Efésios — o "início" sacramental do homem e do matrimónio no estado da justiça "ou inocência" original.

Sabe-se, todavia, que a herança da graça foi repelida pelo coração humano no momento da ruptura da primeira aliança com o Criador. A perspectiva da procriação, *em vez de ser iluminada pela herança da graça original*, concedida por Deus logo que infundiu a alma racional, foi ofuscada pela *herança do pecado original*. Pode-se dizer que o matrimónio, como sacramento primordial, foi privado daquela eficácia sobrenatural, que, no momento da instituição, recebia do sacramento da criação na sua globalidade. Todavia, também neste estado, ou seja no estado da pecaminosidade hereditária do homem, *o matrimónio nunca deixou de ser a figura daquele sacramento*, sobre o qual lemos na Epístola aos Efésios (5, 22-33) e que o Autor da mesma Epístola não hesita em definir "grande mistério". Não podemos por ventura deduzir que o matrimónio permaneceu como plataforma da realização dos eternos desígnios de Deus, segundo os quais o sacramento da criação tinha aproximado os homens e os tinha preparado para o sacramento da Redenção, introduzindo-os na dimensão da obra da salvação? A análise da Epístola aos Efésios, e em particular do "clássico" texto do capítulo 5, versículos 22-33, parece propender para tal conclusão.

2. Quando o Autor, no versículo 31, faz referência às palavras da instituição do matrimónio, contidas no Génesis (2, 24: "Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne"), e logo depois declara: "É grande este mistério; digo-o,

porém, em relação a Cristo e à Igreja" (Ef 5, 32), parece indicar não só a identidade do Mistério escondido em Deus desde a eternidade, mas também aquela continuidade da sua realização, que existe entre o sacramento primordial referente à gratificação sobrenatural do homem na criação mesma e a nova gratificação, verificada quando "Cristo amou a Igreja, e por ela Se entregou, para a santificar..." (Ef 5, 25-26) — *gratificação que pode ser definida no seu conjunto como Sacramento da Redenção*. Neste dom redentor de Si mesmo "pela" Igreja, está também encerrado — segundo o pensamento paulino — o dom de Si por parte de Cristo à Igreja, à semelhança da relação esponsal que une marido e mulher no matrimónio. Deste modo o Sacramento da Redenção reveste, em certo sentido, a figura e a forma do sacramento primordial. Ao matrimónio do primeiro marido e da primeira mulher, como sinal da gratificação sobrenatural do homem no sacramento da criação, correspondem as núpcias, ou melhor, a analogia das núpcias, de Cristo com a Igreja, como "grande" sinal fundamental da gratificação sobrenatural do homem no Sacramento da Redenção — da gratificação, em que se renova, de modo definitivo, a Aliança da graça de eleição, rompida no "início" com o pecado.

3. A imagem contida na passagem citada da Epístola aos Efésios parece falar sobretudo do Sacramento da Redenção como *definitiva realização do Mistério escondido desde a eternidade em Deus*. Neste *Mysterium magnum realiza-se precisamente, de modo definitivo*, tudo aquilo, de que a mesma Epístola aos Efésios tratara no capítulo 1. Ela de facto diz, como recordamos, não só: "N'Ele (isto é em Cristo) — Deus — nos escolheu antes da constituição do mundo, para sermos santos e imaculados diante dos Seus olhos..." (Ef 1, 4), mas também: "é n'Ele — Cristo — que temos a redenção, pelo Seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da Sua graça, que abundantemente derramou sobre nós..." (Ef 1, 7-8). A nova gratificação sobrenatural do homem no "Sacramento da Redenção" é também uma nova realização do Mistério escondido desde a eternidade em Deus — nova em referência ao sacramento da criação. Neste momento a gratificação é, em certo sentido, uma "nova criação". Diferencia-se porém do sacramento da criação enquanto a gratificação original, unida à criação do homem, constituía aquele homem "desde o início", mediante a graça, no estado da inocência e da justiça originais. A nova gratificação do homem no Sacramento da Redenção dá-lhe pelo contrário sobretudo a "remissão dos pecados". Todavia, também aqui pode "superabundar a graça", como noutra passagem se exprime São Paulo: "onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Rom 5, 20).

4. O Sacramento da Redenção — fruto do amor redentor de Cristo — torna-se, *em base ao Seu amor esponsal para com a Igreja, uma dimensão permanente da própria vida da Igreja*, dimensão fundamental e vivificante. É o *mysterium magnum* de Cristo e da Igreja: mistério eterno realizado por Cristo, o qual "Se entregou por ela" (Ef 5, 25); mistério que se realiza continuamente na Igreja, porque Cristo "amou a Igreja" (Ef 5, 25), unindo-Se a ela com amor indissolúvel, como se unem os esposos, marido e mulher, no matrimónio. Deste modo a Igreja vive do Sacramento da Redenção, e por sua vez completa este sacramento como a mulher, em virtude do amor esponsal, completa o próprio marido, o que de certo modo já foi posto em relevo "no Início", quando o primeiro homem encontrou na primeira mulher "uma auxiliar adequada" (Gén 2, 20).

Embora a analogia da Epístola aos Efésios não o precise, podemos todavia acrescentar que também a Igreja, unida a Cristo, como a mulher ao próprio marido, haure do Sacramento da Redenção toda a sua fecundidade e maternidade espiritual. Testemunham-no, de algum modo, as palavras da Epístola de São Pedro, quando escreve que havemos "renascido, não de uma semente corruptível, mas incorruptível: pela palavra de Deus vivo e eterno" (1 Ped 1, 23). Assim o Mistério escondido desde a eternidade em Deus — Mistério que no "início", no sacramento da criação, se tornou uma realidade visível através da união do primeiro homem e da primeira mulher na perspectiva do matrimónio — torna-se no Sacramento da Redenção uma *realidade visível na união indissolúvel de Cristo com a Igreja*, que o Autor da Epístola aos Efésios apresenta como a união esponsal dos cônjuges, marido e mulher.

5. O *sacramentum magnum* (o texto grego diz: *tò mystérion tou to méga estin*) da Epístola aos Efésios fala da nova realização do Mistério escondido desde a eternidade em Deus; realização definitiva sob o ponto de vista da história terrena da salvação. Fala, além disso, de "o tornar — o mistério — visível": da visibilidade do Invisível. Esta visibilidade não faz que o mistério deixe de ser mistério. Isto referia-se ao matrimónio constituído no "início", no estado da inocência original, no contexto do sacramento da criação. Isto refere-se também à união de Cristo com a Igreja, qual "mistério grande" do Sacramento da Redenção. A visibilidade do Invisível não significa — se assim se pode dizer — uma total clareza do mistério. Ele, como objecto da fé, permanece velado através daquilo em que precisamente se exprime e se realiza. A visibilidade do Invisível pertence pois à ordem dos sinais, e o "sinal" indica apenas a realidade do mistério, mas não a "desvela". Como o "primeiro Adão" — o homem, varão e mulher — criado no estado da inocência original e chamado neste estado à união conjugal (neste sentido falamos do sacramento da criação), foi sinal do eterno Mistério, também o "segundo Adão", Cristo, unido à Igreja mediante o Sacramento da Redenção com um laço indissolúvel, análogo à aliança indissolúvel dos cônjuges, é sinal definitivo do mesmo Mistério eterno. Falando pois do realizar-se do eterno mistério, falamos *também do facto de que ele se torna visível com a visibilidade do sinal*. E por conseguinte falamos também da sacramentalidade de toda a herança do Sacramento da Redenção, em referência a toda a obra da Criação e da Redenção, e ainda mais em referência ao matrimónio instituído no contexto do sacramento da criação, como ainda em referência à Igreja como esposa de Cristo, dotada de uma aliança quase conjugal com Ele.

Oração à Rainha da Polónia / 35

Mãe de Jasna Gora!

Desejo hoje, de modo particular, dar-Te graças pelo dia da canonização de São Maximiliano Maria Kolbe, dar-Te graças pelo domingo passado.

Gaude Mater Polonia

prole fecunda nobili.

Estas palavras que há séculos foram referidas a Santo Estanislau, primeiro santo polaco canonizado, convém referi-las hoje ao último: São Maximiliano.

Alegra-te, mãe-Polónia diante da Mãe de Jasna Góra!

Alegra-te, terra natal do teu novo filho elevado à glória dos altares.

Alegra-te como uma vez te alegraste por Santo Estanislau, como ainda, depois dele, te alegraste pelos outros filhos da Polónia sobre os quais foi pousada a auréola dos santos.

Estanislau alcançou a vitória sob a espada,

Maximiliano mediante o campo da fome.

Em todas as épocas é difícil a vitória do bem. Mas em todas as épocas vence o bem.

Digo-o diante da Senhora de Jasna Góra e digo-o a Vós, Compatriotas, que, no curso dos últimos anos, fizestes um grande esforço no sentido do bem; no sentido do bem comum.

Acolhei como *padroeiro dos nossos tempos difíceis* Maximiliano Maria, o Santo vestido de prisioneiro, mártir do campo da fome.

A Senhora de Jasna Góra receba em glória o Milite da Imaculada.

© Copyright 1982 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana